

Histórias de Um Novo Mundo - Vida

Capítulo 4 – Conflitos de Interesses

I

– A comida aqui é muito boa – comentava Satoshi Makoto ao terminar de comer sua *pie and mash* tão saborosa.

– É mesmo! – falou Brian em resposta ao comentário do pai.

Brian Makoto ainda não havia acabado de comer sua *pie and mash*, mas estava gostando daquilo. Para um prato tão simples, não poderia exigir nada tão delicioso. Será que Michael havia achado o mesmo daquele prato? Ele comeu tão rápido, e sem comentar nada, que não seria de admirar para Brian se ele nem ao menos tivesse sentido o gosto do que colocava na boca.

– Eu não entendo por que Michael estava com tanta pressa de conhecer melhor a propriedade, pai.

– Você o conhece bem. Ele gosta desse tipo de coisa. Parece uma criança quando faz isso, mas é o jeito dele. Imagino como ele se comportou no museu.

Brian deteve sua mão por um instante e não levou o garfo à boca enquanto olhava a janela que estava à sua frente. Dava pra ver uma parte do jardim da frente, e ele jurava que tinha visto Michael por um instante. Levou alguns segundos até que ele falasse.

– No museu, ele realmente parecia boquiaberto. Ele ficou admirando tudo. Repetiu que tudo ali dava impressão de grandeza e blá, blá, blá. Aquele idiota...

– Hahaha! Vocês dois se amam mesmo.

Enquanto Brian mastigava, pai e filho ficaram um pouco em silêncio. Brian agora se concentrava na comida de novo. Ele a saboreava por completo, como alguém que não pode perder um só verso de uma bela poesia. Satoshi observava ao redor. Brian, que agora engolira mais uma porção de sua refeição, tentou entender os pensamentos do pai. O ambiente era muito bonito e agradável. Era um restaurante elegante na verdade. Estaria seu pai pensando nisso?

Havia muita gente comendo, mas as numerosas mesas viabilizavam o conforto de todos. Provavelmente ainda haveria mais pessoas que comeriam depois, não devia haver mais que 50 pessoas almoçando ali naquele instante.

Brian, por alguma razão, lembrou de Michael.

Por que ele gosta tanto de conhecer lugares novos e não se importa com uma comida tão boa?

– Eu acho que vou imitar um pouco o Michael – Anunciou Brian. Vou conhecer o lugar.

– Sério?! Não parece você mesmo falando, filho.

– Hahahahaha. Eu sei, pai. Mas preciso conhecer os jovens daqui. E também é bom conhecer o lugar. Nunca se sabe, não é?

– Sim, nunca se sabe. Eu vou ficar aqui por mais algum tempo. Divirta-se, mas tome cuidado.

– Vou tomar.

Com essas palavras, Brian saiu do refeitório. Do lado de fora, o tempo frio estava repercutido em seus ossos.

QUE FRIO! MAS QUE DROGA DE FRIO!

Ele deu uma olhada para Overton Woods atrás de si. Aquela floresta lhe chamou muito a atenção desde que desceram do avião na noite anterior. Era como se alguém o estivesse observando, e esse alguém estava lá. Provavelmente era um pensamento tolo,

sua mente estava se deixando levar pelo cenário, com certeza. E aquele frio só piorava tudo.

Rápido e certo, ele decidiu entrar no castelo. Sir Ektor deu permissão de entrarem em quase todas as salas de sua grande morada. Talvez encontrasse algo interessante lá dentro.

O salão principal era grande e ostentava muita riqueza, mas Brian já havia passado por ali algumas vezes. É verdade que antes não havia observado o quadro que estava colocado entre a grande porta do escritório de Sir Ektor – escritório que obviamente era terminantemente fora dos limites de quem quer que seja – e a armadura medieval que segurava uma espada longa apoiada no chão, com sua ponta contra o solo. A armadura já havia chamado a atenção de Brian, mas o quadro era novidade a seus olhos.

Aquela pintura lhe fazia lembrar de algo. Era familiar, mas o que era aquilo? Cinco homens, retratados em roupa de combate oriental. Da maneira que foram pintados, o autor os colocou em um alto monte, deveriam ser um time vitorioso.

Um grupo de heróis de guerra famosos, talvez?

Um deles, entretanto, não vestia uma roupa de combate. Bem, poderia ser usada para combate, mas lembravam mais as vestes de um sacerdote. Vestes azuis, um azul marinho muito bonito. Os outros quatro vestiam roupas com predominância de uma cor também. Um deles vestia algo que lembrava uma armadura samurai do século XVIII sem a proteção para a cabeça e com um marrom predominante.

Dentre os homens restantes no quadro, um chamava a atenção por vestir um traje de samurai também, mas com proteção para a cabeça e totalmente preto. Os outros dois tinham um tipo de vestimenta diferente das que Brian conhecia, mas eram de aspecto oriental, e certamente eram usadas para combates, pois contavam com proteções nos membros, no tórax e na cabeça.

Aquela obra era recente, foi a campeã do campeonato interno de pintura do ano anterior – ao menos era o que indicava a pequena placa abaixo dela. A assinatura no canto direito inferior indicava o nome do artista: Christian Levine.

A porta da frente abria-se agora e duas pessoas entravam no salão. Brian os olhou e foi retribuído, os dois jovens rapazes que adentraram o recinto o fitavam.

– Eu não lembro de você por aqui antes – disse um deles. Você é novo?

– Sou – respondeu Brian, mas sem sair do lugar ou virar-se, apenas virou a cabeça e assim se manteve. Me chamo Brian Makoto, muito prazer.

– Makoto? – o mesmo rapaz continuou a falar. Christian falou de vocês. Um pai e dois filhos. Sir Ektor e o senhor Marinville gostam bastante de vocês, hein?

– Eu não sei bem, mas acredito que gosta tanto quanto de qualquer outro.

– Tá brincando?! Só em ter voado até aqui no avião dele... vocês devem valer muito. Ah, eu me chamo Richard Bent.

– Eu sou Alexander Dolton – declarou o outro rapaz, que não tinha falado até o momento.

Brian agora se virava para falar melhor com os dois. Ambos eram mais altos que ele próprio. Robert Bent tinha os cabelos castanhos não tão curtos em conjunto com a pele branca de uma maneira que lembrava um lenhador.

O outro rapaz, Alexander Dolton, tinha um porte diferente. Seu cabelo negro e muito curto, a pele clara, o jeito que ficava em pé ereto e, de certa forma, elegante. Tudo dava uma impressão de que era alguém importante. Passava quase a mesma impressão que Sir Ektor, mas não usava roupas tão nobres. Suas roupas, entretanto, não eram roupas quaisquer. O sobretudo preto que lhe cobria, e até mesmo as luvas, as roupas de Alexander Dolton prenunciavam um homem importante. Isso era curioso para Brian,

pois o rapaz a sua frente era claramente um jovem que fazia parte da instituição. Qual seria sua importância?

– De novo, é um prazer conhecê-los – repetiu-se Brian. Ainda não conheço quase ninguém por aqui. Eu pretendia mesmo conhecer o lugar e as pessoas. O que podem me adiantar?

O jovem com aspecto de lenhador virou-se para o outro e deixou sair de sua boca de forma jocosa algo que não pareceu adequado aos ouvidos de Brian: – Ele quer conhecer o lugar. O que você acha, Alex?

– O que você faz? – perguntou seriamente Alexander Dolton.

– O que eu faço? – retorquiu Brian, agora um tanto irritado por não conseguir uma resposta direta.

– É, você tem de estar em uma atividade da fundação – disse o lenhador. Eu sou do time de atletismo. O meu amigo Alex aqui é o melhor do grupo de música. E você?

– Eu ainda não estou em nenhum grupo, nem em nenhum time. Bem, mas eu pratico kendo desde criança.

– Ainda não tá em nenhum grupo? – coçou a cabeça e continuou. Estranho. Por quê?

– Sir Ektor parece querer que treinemos isolados por um tempo. Depois vamos entrar em algum grupo.

Os rostos dos dois rapazes traíam uma certa surpresa e algum ar de inveja. Não importando o motivo que os levou a ficar daquele jeito, Alexander Dolton rapidamente avançou o assunto, deixando aquele ponto no passado.

– Você disse kendo, certo? Você então treina com espadas. Onde está a sua?

– Eu não sabia que era permitido usar espadas aqui – respondeu Brian.

– Todos os que praticam kendo aqui tem uma espada de madeira. Você ainda não faz parte do grupo de kendo. Imagino, portanto, que é esse o motivo de você não ter uma ainda. Você é bom com a espada?

– Eu acho que sim.

– Brian Makoto, certo? Se o senhor Marinville o recrutou e lhe dá tanta confiança, significa que você é valioso, sem dúvida. Você e seu irmão estão convidados a participar da minha festa de aniversário que será amanhã. Que grande sorte a chegada de vocês coincidir dessa forma com o meu aniversário. Bem, na ocasião, eu gostaria de conversar com vocês sobre como os formandos aqui são representados.

– Representados? – Brian perguntava secamente.

– Sim. Vocês devem perceber logo que há grupos aqui na Fundação Levine que não são grupos fixados pelos dirigentes. Os formandos se dividem em grupos informais. Tudo que acontece aqui é afetado pelas relações entre os formandos. Quero conversar com você e seu irmão para mostrar que meu grupo pode ser bem interessante.

Brian não gostava daquele jeito de falar. Aparentemente, Alexander pensava de si mesmo mais do que deveria.

– Ah, bem. Vou pensar no que você me falou. Depois lhe digo se iremos a sua festa – completou Brian, tornando mais uma vez a observar a tela. Mas obrigado pelo convite de qualquer forma.

Agora que estava de costas, Brian não podia ver os dois, mas era como se conseguisse sentir a raiva provocada por uma humilhação emergir do corpo de Alexander Dolton.

– Permita-me, Brian Makoto – falou friamente.

Assim que Brian virou a face para olhar para os 2 rapazes, Alexander estendeu o indicador de sua mão direita, que por poucos centímetros não tocava o nariz de Brian.

Ele permaneceu assim por alguns segundos até que fosse questionado pelo jovem Makoto, que estava ficando muito irritado agora.

– O que você está fazendo?! – perguntava com certa rispidez.

Após baixar o braço, o jovem Dolton falou mais consigo mesmo que com qualquer outro no recinto: – O que poderia Sir Ektor e o senhor Marinville terem visto de especial em você?

– Cara, você nem usa aura?! – perguntou o garoto lenhador Bent com verdadeira surpresa na voz.

– Eu e meu irmão estamos começando a aprender. E daí? – a resposta de Brian soou totalmente diferente agora, seu tom não era mais ríspido; ele queria saber o que Alexander fizera para descobrir essa informação.

– Caramba! Sir Ektor trouxe um cara que nem sabe usar aura?! – nesse instante, a jocosidade da voz de Richard Bent passava a ser zombaria. Até as meninas sabem usar aura aqui. Se você não sabe nem isso, não vai durar. Hihi. E eu pensei que vocês treinavam sozinhos por serem bons... é por serem péssimos!

– Richard, chega! – disse o jovem Dolton, e a autoridade em sua voz lembrava Satoshi. Não vamos deixar o novato desconfortável em seu primeiro dia. Vamos indo, ainda temos um dia cheio.

Richard Bent realmente calou-se de súbito. E com um olhar desanimado no rosto, seguiu ao lado de Alexander que ia em direção ao corredor esquerdo abaixo da escada.

– Ei, esperem! – disse Brian, e os dois olharam para trás. Como você soube que eu não sei manipular minha aura?

– Eu concentrei uma boa energia na ponta de meu dedo e estava quase tocando seu nariz. Se eu tivesse me aproximado mais um centímetro, você estaria com um ferimento considerável no rosto. Se você pudesse ao menos ver minha aura, você teria esboçado uma reação, ainda que acreditasse que eu não atacaria.

Mas... eu não senti nada!

– Você quer saber mais sobre esse lugar, então vá amanhã à minha festa – continuou Alexander Dolton.

– E onde acontecerá a sua festa?

– Há um salão de festas nesse castelo. Isso será o mínimo que você conhecerá sobre esse lugar se for até lá amanhã.

II

E a manhã seguinte surgiu sem tardar. Às 9 da manhã em ponto, Michael e Brian estavam mais uma vez no tatame particular, era o início do segundo treinamento de aura. Satoshi Makoto era um homem pontual, todos sabiam disso e Michael jamais esqueceu. Ele sabia, portanto, que deveria ter descansado mais na noite anterior, mas pela segunda vez o seu sono foi péssimo. Sua mente tinha preocupações a respeito de todas as novidades que ocorreram em sua vida nos últimos dias.

O efeito de duas noites mal dormidas começou a se fazer presente. O rapaz estava em má forma para o dia. Ele percebeu que seu pai havia notado sua condição, mas agora era tarde para qualquer coisa. Estava feito. Satoshi não pegou leve por saber da debilidade do filho. O treinamento começou com mais uma boa dose do que tiveram na manhã anterior. Satoshi voltou a forçar os dois garotos ao máximo para que eles o atacassem sem parar.

O treino era pesado, não foi mais fácil que o anterior. Michael percebeu que Brian não sentia o peso do treinamento tanto quanto ele próprio, isso foi o suficiente

para que um amargo arrependimento viesse sobre Michael por não ter descansado bem no dia e na noite que se passaram. Realmente não foi sua intenção ficar acordado a noite quase inteira, ele simplesmente não conseguiu dormir. No entanto, durante o dia ele poderia ter descansado bem melhor se não passasse o dia tentando descobrir tudo sobre Carol Adams. “Tentando” é a palavra certa, pois não conseguiu muita informação. Sequer viu a garota novamente e as pessoas da fundação não pareciam gostar de muita conversa, ou talvez fosse apenas com ele. Michael nem parou para conversar com o irmão no restante do dia, e estavam cansados demais para falar sobre qualquer coisa antes de dormir. Ou melhor, antes de Brian e Satoshi dormirem, pois Michael não conseguiu fazer o mesmo.

Para alegria de Michael, seu pai encerrou essa primeira parte do treino em uma hora, não em três. Os garotos agora já não sabiam o que esperar da segunda parte, mas Michael não acreditava que seria pior que a anterior.

– Está na hora de vocês dois começarem a manipular a aura que existe em seus corpos – dizia Satoshi após mandar que os jovens ficassem em pé parados.

– Como fazemos isso, pai? – questionava Brian.

– Comecem fechando os olhos.

Sem entender, mas confiando no pai, os garotos seguiram as ordens. Fecharam os olhos e aguardaram novas instruções. Antes que ouvisse qualquer coisa, Michael sentiu a mão de seu pai tocar seu ombro esquerdo. A outra mão devia estar no ombro direito de Brian, que estava à esquerda de Michael.

– Não abram os olhos. Continuem como estão. Quero que tentem visualizar algo dentro de seus corpos, como se fosse um gás incontrollável, que quer sair e está saindo aos poucos – continuava Satoshi.

Eram instruções difíceis de seguir, mas eles estavam fazendo isso. Michael tentava imaginar uma neblina dentro de seu corpo que escapava aos poucos por entre os poros. Não entendia o que isso tinha de importante, não sentia nada de diferente.

– Agora é preciso ir além. Sintam! Sintam esse gás, ele está dentro de vocês. Usem suas mentes, controlem-no, façam-no sair – Satoshi insistia.

Para surpresa de Michael, ele conseguia sentir que realmente havia algo dentro de si. Não era a melhor das sensações, mas algo estava se movendo dentro de todo seu corpo, implorando para sair. E a sensação era familiar. Mas como?

– Façam-no sair, façam com que essa energia saia de seus corpos, mas dominem sobre ela, não deixem que vá muito longe. Imaginem que ela está fazendo uma roupa, uma túnica que cobre totalmente os seus corpos.

Satoshi continuava dando instruções, instruções que não pareciam sérias, mas estavam funcionando. Definitivamente estavam funcionando! Michael sentia a energia que supunha ser sua aura. Ele agora sabia até mesmo o porquê de aquela sensação ser tão familiar.

É o mesmo que senti quando bati na tabuinha de madeira. Também senti algo parecido durante os momentos que tocava no corpo do meu pai. Meu corpo se familiarizou com a aura nesses últimos dias.

– Se vocês conseguiram – começava novamente Satoshi –, está na hora de abrir os olhos.

Sem nem mesmo perguntar qualquer coisa, os dois garotos abriram os olhos lentamente. Tudo estava normal, mas Michael continuou sentindo a aura fluir sobre seu corpo e dentro dele.

– E agora? Como se sentem? – perguntou Satoshi com uma certa ansiedade.

– É... é estranho, pai – respondeu Brian. É uma sensação estranha, como se eu realmente estivesse vestindo uma manta que cobre todo o corpo.

– É mais ou menos isso – interrompeu Michael. Pai, o senhor nos fez te atacar enquanto usava aura pra proteger o corpo... era pra que os nossos corpos se familiarizassem, não é?

– Isso! – a voz de Satoshi demonstrava o quanto ele estava animado com tudo aquilo. Com seus corpos familiarizados com o que é a aura, vocês puderam senti-la e, com o corpo e mente treinados que vocês têm, foi fácil sentir a aura que já existe dentro de vocês. Eu coloquei a mão no ombro de cada um com uma pouca quantidade de aura, para que servisse de guia. Afinal, aura é aura. A minha é igual a de vocês, mas me pertence, essa é a única diferença.

– Se o senhor não tivesse feito esse treino conosco – perguntou Michael – e precisássemos sentir essa energia sem nunca ter entrado em contato com ela... Isso é possível?

– Se é possível? Sim, bastante possível. Até onde se sabe, a pessoa que fez isso em menos tempo conseguiu o recorde de 10 dias, e isso foi um feito e tanto.

– 10 dias?! – soou em uníssono saído das gargantas de Michael e Brian.

– É por isso que normalmente se usa esse método mais rápido. Claro, a pessoa que o aplica tem de ser muito capaz. Se eu usasse aura demais pra lutar contra vocês, seus corpos sofreriam danos muito grandes. Também, se eu usasse uma quantidade menor que o devido, vocês não teriam se familiarizado de uma forma efetiva.

– Bem, e agora? – questionou Michael. Já conseguimos manipular nossa aura, vamos aprender o quê?

– Vá com calma, Michael. É de praxe aprender o mais básico agora.

– Amplificação?

– Não. Aprender a manter esse estado em que vocês estão durante todo o tempo.

– Mas parece fácil, pai.

– Você também acha, Brian?

Um segundo de silêncio se fez. Brian pensou um pouco e respondeu: – Quando eu me distraio, parece que o cobertor de aura diminui.

– Exatamente! – interrompeu Satoshi animado. Isso acontece porque se você não controlar bem esse estado, a aura escapa e se perde. Uma vez fora de seu corpo, a aura tem de ser domada a todo o tempo, ou ela simplesmente irá embora. Se vocês relaxarem, em alguns instantes vão se sentir cansados. Isso é outro sintoma de que o corpo está perdendo a aura em uma quantidade acima do normal. Vamos! Mantenham esse estado!

Os dois garotos ficaram em silêncio. Estavam concentrados em não permitir mais desperdício de aura. Michael podia sentir a aura fluindo, e era fácil mantê-la sob controle, mas se ele desviasse sua atenção por um segundo...

– Ai!!! – Michael e Brian gritaram em uníssono mais uma vez.

Satoshi, sem deixá-los perceber, aplicou um fraco tapinha nas costas de cada um dos garotos, que foram pegos de surpresa.

– Como vão poder lutar nesse estado se não dominarem a aura enquanto fazem diversas outras coisas ao mesmo tempo?

Fez-se silêncio, quebrado rapidamente pelo pai dos garotos: – Estão entendendo? É fácil manter esse estado, mas precisam fazer isso naturalmente. Seu corpo e sua mente devem se acostumar com isso de uma maneira tão comum que possibilite o domínio do mesmo enquanto sua atenção está totalmente voltada para outra coisa. Deve ser como respirar. Mesmo que você esteja numa luta, numa corrida, em qualquer outra coisa, você respira naturalmente, não precisa se concentrar muito na respiração. Isso deve acontecer com a aura de vocês.

– Pai – Michael tomou a dianteira para perguntar –, quando o senhor pensa que vamos dominar esse estado?

– De uma maneira mínima? Hoje mesmo. Mas para tornar esse estado algo natural, acredito que levará mais de uma semana.

– Antes disso, não treinamos mais nada?

– Vocês vão treinar a Movimentação de aura quando alcançarem um mínimo necessário para manter esse estado.

– E a Amplificação?

– Vocês já estão usando a amplificação sem saber. Seus corpos estão mais resistentes, mais fortes e mais rápidos só por terem essa aura cobrindo-os. Depois vou ensinar como fazer isso de forma mais eficiente. Mas, garotos, isso ainda vai levar algum tempo. Primeiramente, vocês terão de treinar a Movimentação da aura.

– Então nos ensine agora, pai! – falava Michael ansioso.

– Michael, você não dominou minimamente esse estado.

– Mas estamos conseguindo, eu sei que estamos indo bem.

– Pai – Brian resolveu falar –, mesmo com essa agitação, Michael não perdeu mais aura que o normal, não foi?

– Você consegue ver isso? – perguntou o pai, um tanto surpreso.

– Bem, eu lembrei que o senhor falou ontem sobre a quantidade de aura nos olhos melhorar a visão e possibilitar enxergar aura, então eu pensei em mandar mais aura para meus olhos, como eu mandei para fora de meu corpo, e funcionou. Eu consigo ver uma fina camada que está cobrindo o corpo do Michael, uma tecido quase transparente, mas é como se fosse um tapete e alguns fiapos de vez em quando saíssem dele e desaparecessem.

– Sério que você vê tudo isso? – Michael agora estava muito mais animado. Ah, eu vou tentar também.

– Isso que você fez, Brian, é a movimentação da aura. Bem, tudo bem. Eu vou deixar vocês treinarem. Vou passar o exercício para Movimentação, mas só continuem fazendo até onde aguentarem, não tentem forçar mais que o devido.

– Nós iremos, pai – disse Michael.

–Uhm... Prestem atenção. Estiquem a mão direita, ou a esquerda, a que preferirem – os garotos assim fizeram. Agora comandem a aura que está em torno do corpo de vocês que vá para os olhos, a maior quantidade que vocês puderem sem se esforçar demais. Quando tiverem feito isso, façam com que essa mesma aura vá para a ponta do dedo indicador da mão suspensa no ar, também a maior quantidade que conseguirem. Depois voltem para o olho e continuem repetindo.

– Certo – o unísono em resposta surgiu mais uma vez no tatame.

Michael já estava um tanto acostumado em manter sua aura junto ao corpo, e também estava confiante que conseguiria fazer o exercício do Movimento de aura muito bem feito. Assim, não demorou nada e ele já estava concentrando-se em imaginar sua aura uma “manta gasosa” que fluía sobre seu corpo. Não foi tão simples, mas depois de quase um minuto ele acumulou tanta aura nos olhos que viu o restante de seu corpo com uma fina camada de aura que já não era transparente. A fina camada de aura adquiriu uma cor prateada mais viva.

Será que essa é a cor da aura? Quanto mais eu concentrar nos olhos, melhor eu vou ver.

Antes que se desse conta que sua aura fugia em uma quantidade larga de seu corpo, Michael observou o irmão. Brian estava muito focado e foi possível para Michael ver uma humilde onda na aura do irmão (que tinha uma cor prata viva). Sem dúvida, de

todos os cantos do corpo, a aura de Brian estava se encaminhando para os olhos, lentamente, mas constantemente.

Michael não demorou a se dar conta de que sua aura deixava seu corpo em uma quantidade maior que antes. Foi fácil parar o desperdício, mas concentrar-se nos dois ao mesmo tempo era difícil.

O exercício continuou. Michael encaminhou sua aura para o dedo indicador direito. Não conseguiu concentrar toda sua aura nos olhos, menos ainda no dedo. Era sua meta, acumular toda a aura nos olhos, para que visse seu corpo sem aquela camada prateada. Não foi possível. Sua mente e seu corpo doíam intensamente quando alcançava uma certa quantidade de aura nos olhos ou no dedo indicador.

Michael se contentou em concentrar o máximo possível, sem que a dor intensa tivesse início. Assim o fez, por 3 vezes ele mandou dos olhos para o dedo indicador o que lhe parecia ser uma grande quantidade de aura; do dedo indicador para os olhos ele mandou mais 2. Estava iniciando o retorno da aura para os olhos quando seu pai anunciou que o exercício já durava 10 minutos.

Michael não fazia ideia de como seu irmão estava se saindo, mas pensou que ele mesmo estava indo bem. Em 10 minutos todas essas repetições... Mas aquilo estava deixando-o exausto. Ficava claro a cada repetição. Era como dar voltas em um grande pátio sem diminuir a velocidade. Ele estava ficando cansado. Talvez não durasse muito mais. E foi o que houve. Antes que pudesse completar a 4ª transferência no sentido dedo indicador/olhos, Michael percebeu que suas pernas não estavam suportando seu peso. Ele preferiu parar antes que seu pai o parasse.

Respirava fundo agora, concentrando-se somente no domínio de sua aura. Depois de um ou dois minutos assim, observou Brian. Seu irmão estava na mesma situação que ele, não sabia se há mais ou menos tempo.

– Vocês foram muito bem. Melhor do que eu esperava, na verdade. O cansaço que estão sentindo vem da perda de aura que tiveram. Precisam melhorar o domínio da aura. Além disso, vocês não sabem como movimentar, ainda estão fazendo intuitivamente, e isso está consumindo muita aura. Com mais treino, vocês logo vão fazer isso com pouco gasto.

Satoshi encerrou o treinamento do dia, deixando os garotos com a missão de apenas melhorar o domínio da aura, sem tentar exercícios de Movimento. Os garotos ficaram no tatame por algum tempo, mas Satoshi se retirou. Não passariam outros 10 minutos antes que Michael e Brian fossem procurar algo para beber e comer, mas conversaram um pouco antes.

– Ah, eu não tive chance de te contar – falou Michael, tentando não perder o domínio. Ontem conheci uma garota. Carol. Ela é muito legal, gostei dela.

– Sério? Bom pra você. Eu conheci algumas pessoas que não pareciam ser tão legais. Acho que não vamos nos dar muito bem com eles, mas um deles me convidou pra festa de aniversário dele. Hoje à noite.

– E você vai?

– Acho que é uma boa ideia nós dois irmos. Se o nosso pai quiser, acho que ele também pode. Não acredito que seja um problema.

– Você não gostou desse pessoal. Não acha que vamos nos dar bem com eles. O que você quer fazer na festa de um deles?

– Acho que nós podemos aprender muito indo até lá. Aprender mais sobre como as coisas são por aqui. E também, só dá pra saber se vamos gostar deles depois de testar.

O anoitecer chegou tão depressa quanto o amanhecer que o antecedeu. Brian conseguiu ativar a curiosidade de Michael sobre as pessoas que ele iria conhecer na

feira. Assim, ao anoitecer, a comemoração já havia tido início e os irmãos Makoto já se dirigiam ao salão.

Era uma festa bem comum, mas não seria para os dois. O domínio da aura ainda estava deixando-os um pouco desconfortáveis, eles não podiam sequer correr sem que isso lhes fizesse perder um pouco o controle. Era um pouco, é verdade, mas um pouco que acarretava num desperdício de aura que eles não poderiam mais aceitar.

Michael não conhecia a música que estava tocando, mas com certeza é uma música clássica, um pouco estranho para um aniversário. Atravessaram os portões do salão onde ocorria a festa e se depararam com muitas pessoas. Uma decoração que mais lembrava um baile nobre e todos os convidados sentados em alguma mesa, apenas os garçons estavam em pé. Isso logo mudou.

Michael sentiu seu irmão cutucando-o com o cotovelo e logo entendeu que aquele jovem que se levantara não poderia ser outro senão o seu anfitrião: Alexander Dolton.

– Olá, mais uma vez, Brian Makoto – disse ao aproximar-se com um ar empertigado. Você deve ser Michael Makoto, presumo.

– Sou eu mesmo.

– Me chamo Alexander Dolton. É um prazer tê-los em minha comemoração.

– Meu irmão já havia me falado um pouco sobre como vocês se conheceram.

Obrigado pelo convite.

– Será um prazer conversar com vocês esta noite. E não se preocupem, se entendi um pouco do que se passou na mente de Brian hoje à tarde, será um prazer para vocês também.